

Capela de Nossa Senhora da Penha: nota histórico-artística

Rosário Salema de Carvalho
Az – Rede de Investigação em Azulejo,
ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

“E a Senhora da Penha, lá do alto, pequenina, branquinha, como noiva rodeada de estrelas que lhe sorriem nas noites de luar, embevecida pela magnificência do seu pedestal, contesta a S. Mamede a pertença da nossa Serra e vem dizendo há muitos anos, há séculos talvez, baixinho, muito em segredo: - A Serra é minha, muito minha, toda minha!

*E assim lhe chamamos, por especial deferência, a Serra da Senhora da Penha. Sendo nossa a Senhora da Penha, também a Serra nos pertence e faz parte importantíssima do nosso património bairrista”.*¹



Nascendo de um afloramento granítico, com o qual contrasta a alvura das suas paredes, a Capela de Nossa Senhora da Penha ergue-se num dos mais elevados cerros da serra, de lá vigiando e zelando pela vila que se espraia a seus pés. Um “lugar alto”, de peregrinação, acentuado pelo escadório penitencial que a antecede, este pequeno templo, cuja origem é

¹ Gordo, *Terra Alta - Antologia de Castelo de Vide*, p. 174.

justificada por uma lenda (e alguns vestígios materiais relacionados), constitui um importante património cultural que deve ser entendido e preservado no contexto de um entendimento alargado.

Em termos arquitectónicos, destaca-se o edifício, de linhas simples, que o revestimento cerâmico seiscentista valoriza, simulando uma maior riqueza e diversidade de soluções, de que é exemplo a cúpula semiesférica com nervuras fingidas em azulejo. Mas todas as intervenções que ali foram sendo feitas revelam o envolvimento de nomes significativos no contexto da história da arquitectura portuguesa – Raul Lino, Teotónio Pereira -, a que se junta uma figura de referência na área da pintura – Ventura Porfírio -, responsável pela configuração actual do terreiro.

Qualquer leitura sobre a vila (e são muitos os livros que se lhe referem), assim como escritos ou memórias dos seus habitantes, mostra que a Senhora da Penha vive num imaginário partilhado localmente, quer através das histórias dos piqueniques que lá se faziam, quer das festas, algumas imemoriais, que todos os anos são realizadas em honra de Nossa Senhora, dos casamentos que aí se celebravam, quer ainda por aspectos de culto e devoção, individuais e colectivas. Por exemplo, em 1954, um grupo de homens e mulheres da vila foram em procissão pedir a intersecção de Nossa Senhora porque não chovia há muito, o que veio a acontecer ainda nesse mesmo dia.² Por sua vez, a descrição de uma procissão, em 1949, no contexto do Congresso do Sagrado Coração de Jesus, é bem elucidativa do esplendor e devoção em torno da Senhora da Penha:

*“ Uma maravilha, dizem todos os que a viram. Um mar de luzes, um rio de fogo serpenteando pela serra abaixo. Pela primeira vez a Senhora desceu do seu pedestal. Na Matriz aguardava a chegada o Sr. Bispo que introduziu na igreja a imagem e deu a seguir a bênção do Santíssimo. Trazia 1800 velas a procissão”.*³

Ainda hoje, o enorme volume de velas que diariamente são deixadas na capela-mor mostra cabalmente que a Capela de Nossa Senhora da Penha é um património vivo, que cabe a todos preservar, intervindo com qualidade no edificado e sensibilizando os crentes para os perigos de determinadas práticas, como é o caso das velas.

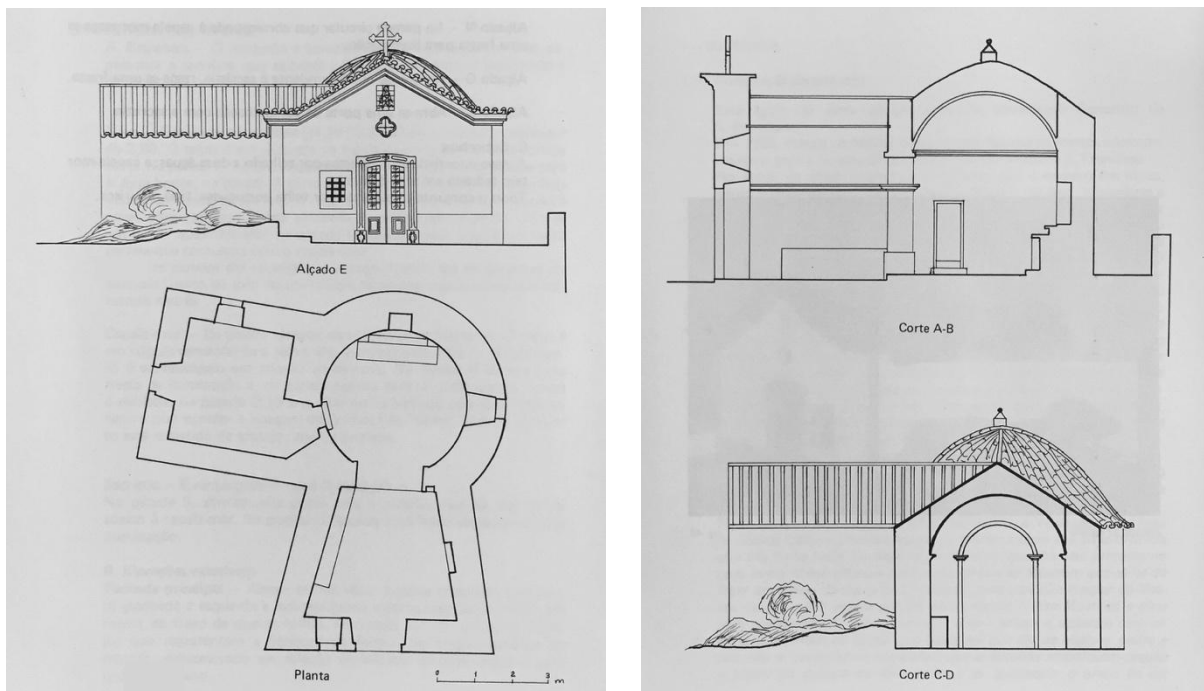
² Pinto, “Crónicas da Vida Religiosa de Castelo de Vide 1948-1967”, p. 31.

³ Ibid., p. 7.

Descrição

Situada no cume da Serra de São Paulo, a Capela de Nossa Senhora da Penha é antecedida por um terreiro a partir do qual se desenvolve o longo escadório com vários lanços (o primeiro conjunto totaliza 48 degraus a que se seguem outros 2, o segundo 17 e o último 14).

De pequenas dimensões e implantada sobre uma rocha que marca o exterior mas também o interior do templo, desenvolve nave trapezoidal e capela-mor circular, com sacristia adossada à esquerda. A toda a volta o espaço de implantação é delimitado por um muro e, do lado Sul, encontra-se uma cruz.



Desenhos de Diamantino Sanches Trindade

A fachada, em empena encimada por cruz, é rasgada pela porta principal, apresentando uma fresta/janela à esquerda e, sobre a porta, um óculo quadrilobado, sobre o qual está aplicado um painel de azulejos (3x5) a azul e branco, representando Nossa Senhora da Penha.

No interior, é visível, na parede Sul da nave, parte do rochedo sobre o qual assenta a edificação, e, do lado posto (parede Norte), existe uma pia de água benta em mármore e um nicho onde se depositam ex-votos. A nave é coberta por abóbada de berço que se eleva

sobre cornija e, inferiormente, observa-se um silhar baixo, de azulejos enxaquetados simples, a azul e branco.

Articula-se com a capela-mor, de planta circular, através de arco de volta perfeita. Aí abre-se uma fresta de iluminação na parede Norte e, a parede Este, é preenchida por um retábulo policromo, de alvenaria. No nicho exibe-se a imagem de Nossa Senhora da Penha e superiormente, uma cartela mostra um baixo-relevo com a representação da capela. Todo o espaço da capela-mor, incluindo a cúpula semiesférica, é revestido por azulejos de padrão conhecido como maçaroca ou pinha, delimitado por cercadura de acantos. Na parede Sul abre-se a porta de acesso à sacristia, com dois degraus. A sacristia, de volumes simples, teve acesso directo pelo exterior, cuja localização é ainda perceptível,⁴ e apresenta uma fresta de iluminação.



⁴ Este acesso foi encerrado para as festas do ano de 1996. Cf. "Festa de Nossa Senhora da Penha. Cumpre-se a tradição", p. 1.

As origens

A lenda da Senhora da Penha é considerada “talvez a mais rica das narrativas religiosas da região”.⁵ De acordo com as diversas versões conhecidas,⁶ resultantes da junção de duas tradições, andando um pastor com o seu rebanho viu, um dia, um grupo de malfeitores que planeavam roubar-lhe as ovelhas. Pedindo ajuda a Nossa Senhora, esta apareceu-lhe numa burrinha e transformou o dia em noite, frustrando os planos dos ladrões. Ao saber do sucedido, o povo da vila resolveu erguer uma capela em sua honra, escolhendo para tal o lugar da Fonte Santa, perto do Pouso. Iniciaram-se as obras mas, todos os dias, quando de manhã os pedreiros chegavam ao local, o que havia sido construído estava por terra e as ferramentas desaparecidas, tal como a imagem da Senhora, acabando por ser encontradas no sítio onde Nossa Senhora tinha aparecido ao pastor. Decidida a mudança de localização, de acordo com a vontade divina, as obras decorreram sem problemas, assistindo-se ainda a novo milagre com o surgimento da Fonte Santa, que veio resolver o problema de falta de água necessária ao bom andamento dos trabalhos de construção.

Desta lenda são visíveis as pegadas da burrinha de Nossa Senhora, assim como a cama, mesmo no penhasco e, no escadório, a célebre cadeirinha, onde Nossa Senhora estivera a descansar e onde quem se sentar, levantando os pés e disser a seguinte quadra (hoje fixada numa placa de mármore), pode pedir três desejos:

*Cadeirinha de Nossa Senhora,
Cadeirinha de meu bem;
Onde se sentou Nossa Senhora,
Sento-me eu também⁷*

Associada a esta lenda há todo um simbolismo, para além dos elementos comuns a outras lendas. Assim, a antecipação da noite evoca o conflito entre a Luz e as Trevas ou entre o Bem e o Mal, a cadeirinha alude à “cátedra propiciatória e sapiencial, epifania material da

⁵ Ventura, “Lendas Religiosas - Entre a matéria e a memória”, p. 8.

⁶ Usamos uma síntese das que foram recolhidas e publicadas por Ventura, *Lendas da Serra de São Mamede*, p. 20-22. Note-se, todavia, que a versão divulgada por Repenicado, *Relação de Sucessos Históricos*, p. 130-133 é muito detalhada e rica em pormenores.

⁷ Aversão publicada em Repenicado, *Relação de Sucessos Históricos*, p. 133 difere ligeiramente desta que se pode ler na lápide colocada junto à própria cadeira.: Cadeira de Nossa Senhora, / Cadeirinha de o nosso bem, / Nela se sentou a Senhora / E agora me sento também.

superioridade e da autoridade simbólica da Senhora e do seu santuário”,⁸ complexificando-se as interpretações simbólicas se atendermos às romarias dos cristãos-novos logo após a edificação do templo.⁹

Todavia, e apesar de todos estes vestígios materiais, a mais antiga referência conhecida à Capela da Senhora da Penha remonta ao ano de 1570¹⁰ quando, a 24 de Março, o Bispo D. André de Noronha, autorizou os vereadores e procuradores do concelho a mandar erguer um altar na *Ermida de Senhora da Penna (sic)*, ordenando de seguida que o vigário de Santa Maria a fosse benzer e celebrar a primeira missa, a partir da qual concedia licença para celebração a todos os padres. Esta licença teve consequência, registada no Livro de Tombo da vila a 8 de Abril seguinte, onde se pode ler que “(...) nesta data de fez a ermida de Nossa Senhora da Penha (...)”.¹¹

Face à leitura destes documentos fica a dúvida se, nesta data, já existia uma ermida e nela se fez um altar, ou se nada existia e a capela que hoje conhecemos teve início neste altar erguido em 1570. Note-se que, à época, existiam outras ermidas na Serra, nomeadamente, São Paulo, São Miguel, e São Gens,¹² sendo que a organização das mesmas, com as casas dos ermitões, funcionava em conjunto.¹³

Certo é que, em pleno século XVII, já o templo apresentava as características actuais, tendo sido um dos quatro a beneficiar de um revestimento azulejar de padrão. Uma vez mais, não há documentos que elucidem sobre a data de aplicação dos azulejos da capela-mor, mas a comparação com outras igrejas – Nossa Senhora da Alegria e Santiago – indicia uma cronologia comum, que não se deverá afastar de 1638, a única data identificada para a igreja do castelo.¹⁴

⁸ Ventura, “Lendas Religiosas - Entre a matéria e a memória”, p. 8.

⁹ Ventura, *A VIDE E O SEU CASTELO, Notas sobre a Toponímia, a História e a Heráldica de Castelo de Vide*, p. 62-63.

¹⁰ Note-se que a Capela não surge representada nos desenhos de Duarte d’Armas, do início da centúria, aí apenas figurando a Ermida de São Miguel.

¹¹ Repenicado, *Relação de Sucessos Históricos*, p. 129. Ver também Alves, “Santuário de Nossa Senhora da Penha”, p. 27.

¹² Ventura, “Lendas Religiosas - Entre a matéria e a memória”, p. 8.

¹³ Videira, *Memória Histórica da Muito Notável Villa de Castello de Vide*, p. 106.

¹⁴ Note-se que há uma lápide com a data de 1634 na Capela de Nossa Senhora da Luz e que a mesma pode também ajudar a balizar a cronologia de aplicação dos azulejos de padrão naquele templo.

O revestimento azulejar da capela-mor

As paredes circulares, até à cornija, e a cúpula que cobre o espaço, são integralmente revestidas por azulejos de padrão, habitualmente designados como de maçaroca ou pinha pela semelhança que o motivo principal revela com aqueles frutos. No contexto da catalogação de padrões usada em estudos deste género, trata-se do P-17-00101.¹⁵ (ainda que Santos Simões se refira ao P-17-00102).

Cada secção do pano murário é delimitada por uma cercadura, com motivos de folhas de acanto, identificada como a C-17-00149. Ainda na porta de acesso à sacristia observam-se outras peças, mais raras, as cantoneiras, que definem os ângulos, e que neste caso correspondem à Ca-17-00054. Neste vão, além do padrão de maçaroca, são ainda visíveis outros azulejos constituídos por parte de um padrão de maior escala, o P-17-00431 (o mesmo que se encontra nas outras duas igrejas referidas).

Por sua vez, a cúpula é ficticiamente dividida em quatro secções através de uma dupla cercadura constituída pela C-17-00007 e respectivos cantos (C-17-00007-ct01 e 02), convergindo ao centro num quadrado decorado por acantos. Também aqui se encontram azulejos da cercadura C-17-00148, idêntica à da Senhora da Alegria.

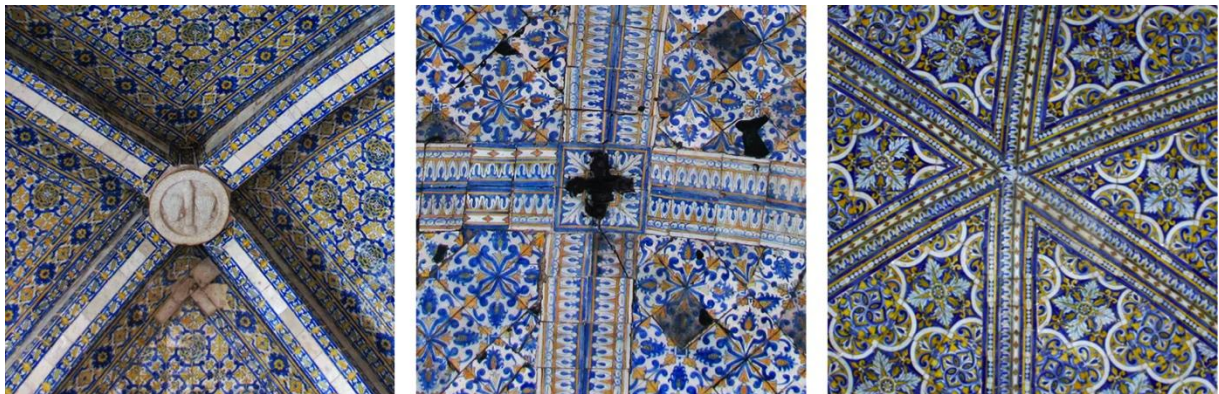
Muito embora a coincidência de padrões entre os três templos mencionados possa indiciar uma cronologia de aplicação próxima, a verdade é que, ao longo dos tempos, pode ter havido uma reutilização de restos ou sobras de azulejos que, deste modo, supriam faltas de outros que entretanto possam ter caído.

Mas a verdade é que o padrão de maçaroca foi utilizado na Igreja de Nossa Senhora da Alegria cerca de 1638, conforme a lápide colocada na capela-mor indicando que a igreja, ou casa, para usar a terminologia da placa, se fez em 1638. Não há certezas quanto ao significado efectivo desta data, mas as características daquele templo permitem aceitar que corresponda à sua construção. Assim, também o revestimento cerâmico poderia ter sido aplicado em data próxima, o que constituiria um elemento cronológico que, apesar de

¹⁵ Santos Simões refere-se, incorrectamente, ao P-17-00102. Cf. Simões, *Azulejaria em Portugal no século XVII*, p. 204.

meramente indicativo, é passível de ser estendido aos restantes templos da vila com padrões semelhantes e, em particular, à Capela de Nossa Senhora da Penha. Esta coincidência na utilização de padrões é comum e pode indicar que os revestimentos mais antigos funcionavam como mostruário a partir do qual se podiam escolher padrões, indicando épocas de aplicação próximas.¹⁶

Por outro lado, importa chamar a atenção para o facto de que estes três templos terem em comum, para além da coincidência dos padrões, o revestimento das abóbadas da capela-mor, integrando as nervuras pré-existentes ou simulando-as.



Imagens: Inês Aguiar, *Az Infinitum*

Como já escrevemos em outro local a propósito da mestria com que as três abóbadas foram pensadas e executadas:

“No revestimento das abóbadas o mestre azulejador, ou os mestres azulejadores, optaram por três soluções distintas, mas todas elas de forte impacto visual.

*Na **Igreja de Nossa Senhora da Alegria**, os azulejos no interior da cúpula moldam-se perfeitamente à sua configuração semi-esférica, assim como aos pendentes. A cercadura e o friso foram utilizados para sugerir nervuras inexistentes, contornando ainda a própria cúpula e os pendentes que inscrevem, ao centro, o módulo do padrão de motivos quadrilobados. A simulação do fecho da abóbada foi obtida através do recorte de um azulejo cujo motivo de acanto não se encontra aplicado na igreja.*

*A mesma solução de sugestão das nervuras da abóbada foi utilizada na capela-mor da **Igreja de Nossa Senhora da Penha**, numa aplicação mais simples, que recorreu ao padrão de maçarocas também aplicado nas paredes. Neste espaço as “nervuras” da abóbada dispõem-se em forma de cruz, tendo o azulejador recorrido,*

¹⁶ Carvalho et al., “17th Patterned Azulejos from Portugal”.

para as definir, a uma dupla cercadura, aplicada em duas fiadas que, confrontadas, determinam uma linha mais escura ao centro. Também o fecho da abóbada foi sugerido através da colocação, na intersecção das “nervuras”, de uma composição de quatro azulejos formada por cantos desta mesma cercadura.

Na **Igreja de São Tiago**, o azulejamento da abóbada foi determinado pela sua configuração em aresta. Estas foram revestidas por frisos e a sua estrutura sublinhada com uma faixa de azulejos monocromos brancos sugerindo um revestimento pétreo, que se liga visualmente às mísulas e ao fecho”.¹⁷

O retábulo-mor e a imagem de Nossa Senhora da Penha

De características neoclássicas, o retábulo apresenta nicho central onde se expõe a imagem actual de Nossa Senhora da Penha, uma *Pietà*, ou seja, Nossa Senhora com o Filho morto nos braços, após a Crucificação. No frontão observa-se uma cartela elíptica com um relevo representando a capela, muito pequena, recortada entre o topo da serra e o céu. Trata-se de um exemplar profundamente repintado, bem revelador do que não deve ser feito em termos de boas práticas nesta matéria.



¹⁷ Ibid. [tradução nossa].

Esta imagem é já a terceira, uma vez que a primeira foi roubada a 12 de Abril de 1979. Uma segunda, de barro, que terá estado no Colégio de Nossa Senhora da Penha, foi cedida pela D. Marquinhos Leitão e pelo Sr. João Leitão, mas depois de várias tentativas de furto, acabou por também desaparecer a 9 de Dezembro de 1996.¹⁸

A imagem actual foi oferecida pela Associação Grupo de Amigos de Castelo de Vide, que organizou uma subscrição pública quer para a realização da imagem, quer para uma intervenção de conservação e restauro no templo. Estas notícias podem ser acompanhadas através do jornal *Notícias de Castelo de Vide*, nos anos de 1994 e 1995. Assim, sabe-se que a comissão de restauro era presidida por José Luís Porfírio que, em Agosto de 1994, trouxe consigo Rafael Salinas Calado (especialista em cerâmica, que foi director do Museu Nacional do Azulejo), com o objectivo de fazer o levantamento dos azulejos em falta ou danificados.¹⁹ Em Abril de 1995 a feitura da imagem foi adjudicada a “*um conhecido artesão de Esposende*”, o escultor António Neto, que a executou em pedra de Ançã, tendo sido depois pintada em Braga, na Casa de Santo António, concluindo-se o processo a 23 de Setembro de 1995.²⁰ A entrega da imagem à paróquia decorreu na missa de Domingo, dia 19 de Novembro, numa cerimónia que contou com a presença dos Bombeiros Voluntários que interpretaram o Hino da Senhora da Penha, de Fausto Caldeira com arranjo do maestro Celestino Raposo, e durante a qual a imagem foi benzida pelo cônego Isidro de Oliveira. Manteve-se na Igreja Matriz de Santa Maria da Deveza, numa base de granito oferecida pela empresa Singranova, de Alpalhão,²¹ até ser definitivamente conduzida para a capela em 15 de Agosto de 2004.²²

¹⁸ Cf. “Assalto e destruição na Senhora da Penha”, p. 1. Ou poderá ter sido partida. Cf. “Passados quase 30 anos Senhora da Penha volta à sua Capela”, p. 10.

¹⁹ Cf. “Subscrição para restauro da Ermida de Nossa Senhora da Penha”, p. 17 e “Restauro da Ermida da Senhora da Penha - comissão inicia trabalhos preparatórios”, p. 18.

²⁰ Cf. “Direcção decidiu adjudicar imagem de N.a S.a da Penha”, p. 13 e “Imagem da Senhora da Penha: réplica está pronta e será entregue durante o próximo mês de Setembro”, p. 1.

²¹ Cf. Busca, “Nova imagem da Sra. Penha será entregue à paróquia no Domingo 19 de Novembro”, p. 1 e “Depois da imagem, o restauro da igreja”, p. 1.

²² Cf. “A imagem de Nossa Senhora da Penha a caminho do seu Santuário”, p. 1; “Passados quase 30 anos Senhora da Penha volta à sua Capela”, p. 10; Busca, “A nova imagem da Senhora da Penha já mora no Alto da Serra...”, p. 12.

Algumas intervenções mais recentes

Continuando a seguir a história conhecida da Capela da Senhora da Penha, apenas se registam acontecimentos ou intervenções pontuais ao longo dos anos. Assim, há notícia de que, em 13 de Julho de 1881, houve uma enorme trovoadas que danificou o templo, situação que se repetiu em 3 de Junho de 1939, danificando o nicho de Nossa Senhora mas sem prejudicar a imagem.

A cruz que se ergue no adro apresenta a data de 1 de Janeiro de 1901 e a inscrição "JESUS CHRISTUS HERI. / HODIE IPSE ET IN SAECULA / HEBR. XIII. 8 / 1-1-1901", que corresponde ao versículo 8, do capítulo 13 do Livro dos Hebreus, que significa que "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre".

Já de 1940 é o painel de azulejos sobre a porta principal. Representa a Capela de Nossa Senhora da Penha sobre os rochedos e já com a cruz, à esquerda. No céu, por entre nuvens, mas assumindo uma importância visual que se sobrepõe à da imagem da capela, Nossa Senhora segura Cristo nos braços, uma *Pietà* que alude à invocação do templo. Como é assinalado no canto inferior direito, estes azulejos foram executados na Fábrica de Sacavém em 1940, podendo a composição e o desenho, por comparação estilística, ser atribuídos a Adolfo Bugalho.²³



Gravura de Adolfo Bugalho, publicada no catálogo da exposição *Gravuras de Adolfo Bugalho*, realizada em Junho de 1981, no átrio da Câmara Municipal de Castelo de Vide

²³ Ideia defendida por José, "Senhora da Penha. Crónica de uma visita", p. 15 e que agora corroboramos através da comparação com esta gravura.

O cónego Albano da Costa Vaz Pinto, cuja intervenção de recuperação e reabilitação do património religioso de Castelo de Vide foi exemplar, estendeu a sua acção também à Senhora da Penha, mandando reparar o telhado no verão de 1951 (tratou-se certamente de um arranjo pontual, no contexto de outros telhados de igrejas e capelas então efectuados)²⁴ e dinamizando uma campanha de obras mais alargada em 1953. Neste ano, o cónego escreveu, no seu diário, que *“Foram colocados 44 metros de capeado em piso grosso para não destoar do ambiente, levantados alguns muros, aterrado parte do miradouro junto à sacristia. Deu a Comissão de Turismo 2000\$00 e gastaram-se já uns 5000\$00. As escadas foram modificadas a conselho do Arquitecto Raul Lino. Eram mais estreitas. Não chegavam à rocha”*.²⁵

A preocupação com o arranjo exterior do templo e a sua acessibilidade continuou nas décadas seguintes, procedendo-se no inverno de 1964 ao arranjo do terreiro que antecede a escadaria, tendo para tal sido oferecido o terreno por Joaquim Aniceto Xavier Correia de Carvalho: *“Limitou-se o terreno com um muro e porque o arranjo exigia fez-se um pequeno muro junto ao caminho que vai do largo à escadaria. Limpou-se o terreno de muitas pedras. Far-se-á o que falta, aos poucos. Pensa-se, agora, no altar para as Missas campais. Há um ano fez-se a 2ª parte do muro com capeado de cantaria, na escadaria”*.²⁶

Em 1967 terminavam as obras exteriores com a consolidação dos muros, avançando-se então para a segunda fase, relativa ao interior. Esta contou com o aconselhamento do arquitecto Nuno Teotónio Pereira, que se deslocou ao local, tal como um membro da Comissão de Arte Sacra (referido como Dr. Heitor), decidindo-se pela conservação do existente.²⁷ Em 1968 já a intervenção se encontrava concluída: *“Principalmente por causa do forro, fizemos obras nesta capela agora mesmo. Acabaram ontem estas obras – 1-V-1968. Forrou-se o corpo da capela em mosaico branco velho a conselho do Arquitecto Teotónio Pereira de Lisboa. São tantas as velas que ardem em promessa que a capela se fazia negra de um momento para o outro. A limpeza última custou 1500\$00 e no fim de um mês de fumo estava na mesma. Vamos ver se se consegue o efeito desejado. Fez-se um altar novo em*

²⁴ Pinto, “Crónicas da Vida Religiosa de Castelo de Vide 1948-1967”, p. 15v.

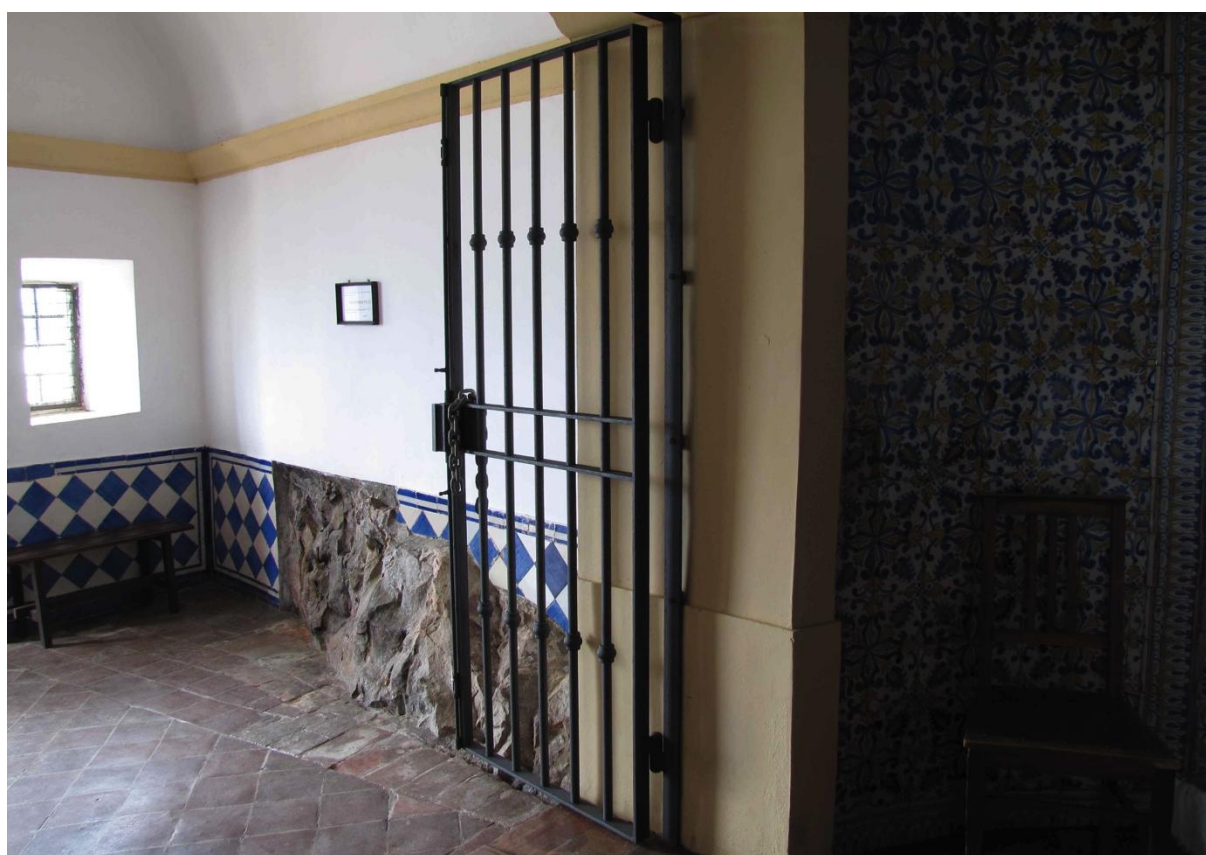
²⁵ Ibid., p. 24.

²⁶ Ibid., p. 79.

²⁷ Ibid., p. 98-98v.

*mármore preto. Oferta de uma família pobre de Castelo de Vide a viver fora. Custou pouco mais de 3000\$00. Feito pela Socied. de Mármore de Cast. Branco, por um preço especial. A primeira Missa foi dita no dia 3 – dia da Santa Cruz – 3-V-1968”.*²⁸

Com este relato ficam esclarecidos e justificados alguns aspectos que hoje caracterizam o interior do templo. Os azulejos da nave não são, todavia, *velhos*, mas sim industriais imitando o antigo, e dispostos em xadrez, de modo a simular um género de aplicação azulejar comum entre o final do século XVI e o início da centúria seguinte.

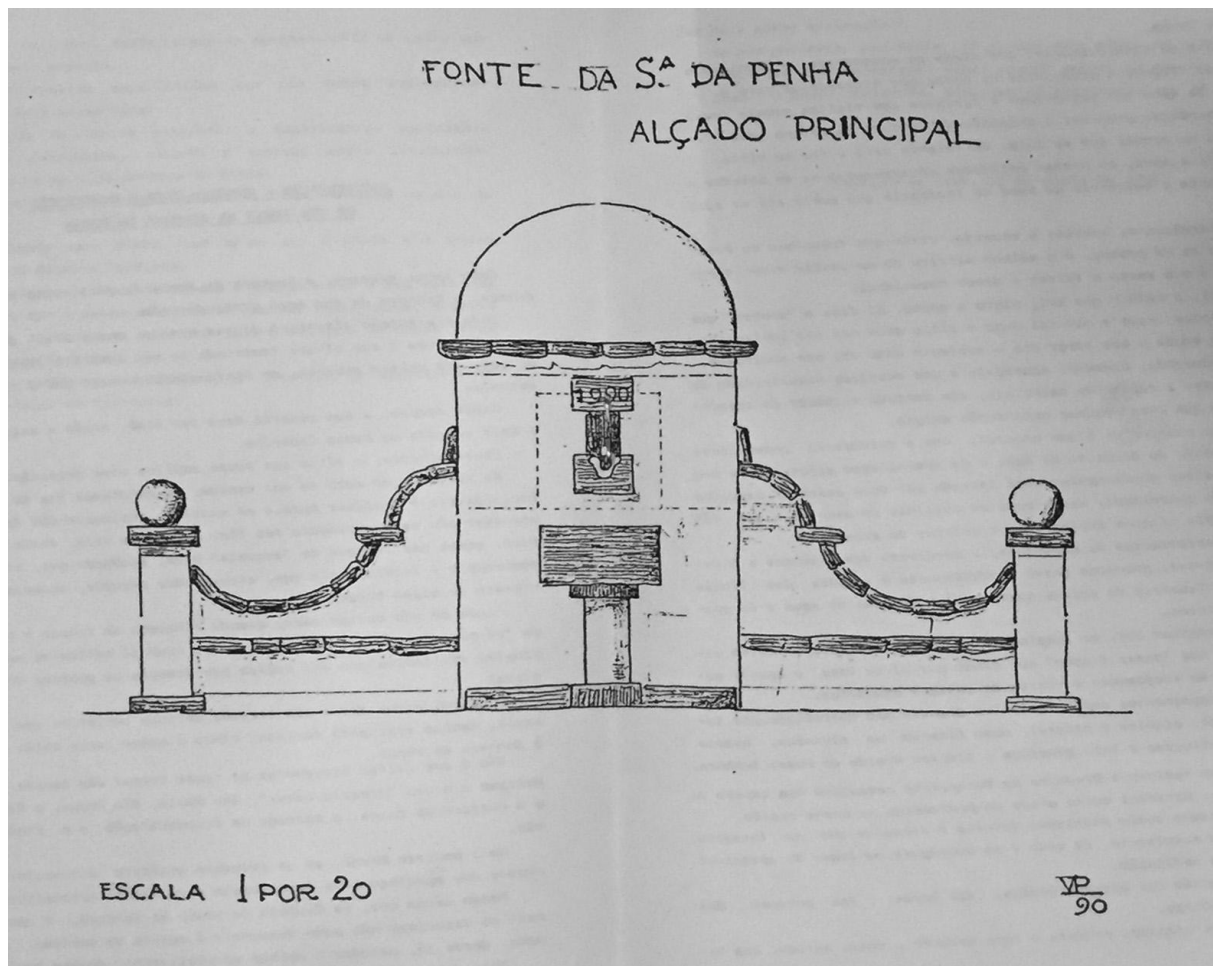


Por outro lado, o altar de mármore passa também a estar perfeitamente documentado. Apenas fica por esclarecer em que data se retirou o púlpito de madeira, situado originalmente na parede esquerda da nave. Todavia, vários relatos parecem confirmar que tal terá ocorrido no contexto da intervenção de 1967-1968, sabendo-se ainda que o mesmo,

²⁸ Pinto, “Crónicas Religiosas de Castelo de Vide 1967 a [1975]”, p. 3.

integralmente em madeira, não foi destruído, mas sim retirado com grande cuidado e guardado, desconhecendo-se hoje o seu paradeiro.²⁹

Mais recentemente, no dia da festa da Senhora da Penha, a 5 de Agosto de 1990, inaugurou-se a fonte situada no terreiro, uma iniciativa das Juntas de Freguesia com a colaboração da Câmara Municipal e da Paróquia, e que foi projectada por António Ventura Porfírio. De acordo com a memória descritiva da mesma, pretendia-se “(...) uma desejada simplicidade de linhas e volumes e rudeza de materiais, sem contudo esquecer as exigências técnicas que essa pequena construção exigia. (...) Todos os capeamentos serão feitos em granito não aparelhado, por tudo desejar rude, simples e natural, como fizeram os alvanéus, nosso avós, que construíram a bela, graciosa e simples ermida de Nossa Senhora”.³⁰



²⁹ Note-se que, em 1994, uma notícia refere a sua existência mas não a localização. Cf. “Restauro da Ermida da Senhora da Penha - comissão inicia trabalhos preparatórios”, p. 18.

³⁰ Porfírio, *A Fonte da Senhora da Penha*, p. 6

Como referimos anteriormente, a Associação Grupo de Amigos de Castelo de Vide organizou uma subscrição pública para o restauro da capela entre 1994 e 1995, cujo desfecho se desconhece, pois apenas há notícia acerca da nova imagem. Sabe-se, todavia, que a 9 de Dezembro de 1996, e no contexto do roubo da segunda imagem, alguns azulejos da parede Norte foram retirados, tendo depois sido substituídos em data incerta. As permanentes tentativas de roubo conduziram ao encerramento da porta exterior da sacristia, a que também já nos referimos, e à colocação do portão de ferro entre a nave e a capela-mor, em Agosto de 1996, executado por Mateus Tapadejo.³¹

Esperamos que a presente nota histórico-artística possa, de algum modo, contribuir para a preservação deste templo, quer através da sua classificação enquanto património cultural, quer através de uma intervenção qualificada ao nível da estrutura e do seu equipamento.

³¹ Cf. “Festa de Nossa Senhora da Penha. Cumpre-se a tradição”, p. 1.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (citadas no texto)

“A imagem de Nossa Senhora da Penha a caminho do seu Santuário”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 110 (Agosto 2004): 1.

Alves, Tarsício. “Santuário de Nossa Senhora da Penha”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 103 (Dezembro 2003): 27.

“Assalto e destruição na Senhora da Penha”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 21 (Janeiro 1996): 1.

Busca, A. “Nova imagem da Sra. Penha será entregue à paróquia no Domingo 19 de Novembro”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 19 (Outubro/Novembro 1995): 1.

Busca, A. “A nova imagem da Senhora da Penha já mora no Alto da Serra...”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 111 (Setembro 2004): 12.

Carvalho, Rosário Salema de, Alexandre Pais, Ana Almeida, Inês Aguiar, Isabel Pires, Lúcia Marinho, e Patrícia Nóbrega. “17th Patterned Azulejos from Portugal”. *Glazed Expressions – The Magazine of TACS, the Tiles and Architectural Ceramics Society*, n. 70 (2012): 16-18.

“Depois da imagem, o restauro da igreja”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 20 (Dezembro 1995): 1.

“Direcção decidiu adjudicar imagem de N.a S.a da Penha”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 13 (Abril 1995): 13.

“Festa de Nossa Senhora da Penha. Cumpre-se a tradição”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 28 (Agosto 1996): 1.

Gordo, João António. *Terra Alta - Antologia de Castelo de Vide*. Ed. Autor, 1935.

“Imagem da Senhora da Penha: réplica está pronta e será entregue durante o próximo mês de Setembro”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 17 (Agosto 1995): 1.

José, Tiago (pseudónimo de Diogo Salema Cordeiro). “Senhora da Penha. Crónica de uma visita”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 101 (Outubro de 2003): 15.

“Passados quase 30 anos Senhora da Penha volta à sua Capela”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 111 (Setembro 2004): 10.

Pinto, Albano da Costa Vaz. “Crónicas da Vida Religiosa de Castelo de Vide 1948-1967”. Arquivo da Igreja de Santa Maria da Devesa, Matriz de Castelo de Vide.

———. “Crónicas Religiosas de Castelo de Vide 1967 a [1975]”. Arquivo da Igreja de Santa Maria da Devesa, Matriz de Castelo de Vide.

Repenicado, António Vicente Raposo. *Relação de Sucessos Históricos, Notícias e Acontecimentos Políticos, Administrativos, Sociais e outros da Notável Vila de Castelo de Vide*. Castelo de Vide: Separata de Terra Alta, n.º 281 - 397, 1965.

“Restauro da Ermida da Senhora da Penha - comissão inicia trabalhos preparatórios”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 6 (Setembro 1994): 18.

Simões, João Miguel dos Santos. *Azulejaria em Portugal no século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

“Subscrição pública em curso com vista à restauração da Ermida de Nossa Senhora da Penha”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 1 (Abril 1994): 9.

“Subscrição para restauro da Ermida de Nossa Senhora da Penha”, *Notícias de Castelo de Vide*, n. 5 (Agosto 1994): 17.

Ventura, Ruy. *A VIDE E O SEU CASTELO, Notas sobre a Toponímia, a História e a Heráldica de Castelo de Vide*. s.l.: Editora Licorne e Grupo de Amigos de Castelo de Vide, 2016.

———. *Lendas da Serra de São Mamede*. Lisboa: Apenas Livros, Lda., 2013.

———. “Lendas Religiosas - Entre a matéria e a memória”. *INVENIRE Revista de Bens Culturais da Igreja*, n. 2 (2011): 6-9.

Vieira, César. *Memória Histórica da Muito Notável Villa de Castello de Vide*. 2ª ed. Lisboa: Edições Colibri - CIDEHUS, 2008.